

SOBRE O LIVRO

Este é um livro para quem ama Brasília. E para quem detesta. Para quem conhece a capital do país. E para quem nunca colocou seus pés por aqui. Para quem acha que a cidade é só poder e burocracia. E para quem está ajudando a construir sua identidade.

É um convite para passear sob seus pilotis, pelas superquadras, a dar uma volta de Grande Circular, a jogar futebol nas áreas verdes, a plugar uma guitarra e tocá-la alto, a chamar seus amigos gritando debaixo do Bloco, a tomar sorvete de cajuzinho do cerrado embaixo de um ipê, a perder-se em endereços que mais parecem coordenadas espaciais.

Depois de nos mostrar a capital francesa em *Chéri à Paris – Um brasileiro na terra do fromage*, seu primeiro livro de crônicas, Daniel Cariello agora nos leva para conhecer sua cidade natal. Porém, antes de sair, não se esqueça de pegar um casaco, porque à noite esfria, e uma garrafinha d'água, pois a seca às vezes pode ser braba!

A QUADRA DO REGÃO



Quando se é moleque, temos a impressão de as coisas serem bem maiores do que realmente são. Eu me lembro da primeira vez que vi a quadra recém-construída do Regão, o Centro de Ensino Rodolpho de Moraes Rêgo, que depois virou Centro Educacional e agora é apenas Colégio Moraes Rêgo.

Toda cimentada, "era poliesportiva", diziam-nos. Aquilo me espantava duplamente, pois, além de ser enorme para os meus padrões de poucos palmos acima do chão, eu não fazia a menor ideia do significado de "poliesportiva".

Depois da inauguração da quadra, a escola nunca mais foi a mesma. Ao bater o sinal do intervalo, hordas de pirralhos histéricos, eu incluso, saíam trombando uns com os outros na escada para ver quem seria o primeiro a chegar e garantir a posse de tão precioso terreno. O vitorioso dava a sua turma o direito de ser a felizarda a comandar o certame do dia. A quem chegasse depois só restava esperar a benevolência de uma possível convocação de última hora, ou conformar-se em assistir ao jogo de uma das arquibancadas de concreto.

Foi nessas arquibancadas que o Alessandro, da 7ª série, quebrou o pé ao chutar um degrau para descontar a raiva de uma derrota. Ali, passei vários momentos rindo das piadas do professor Márcio Ruiz, tão cobra que dava aula de inglês e de redação. As mesmas arquibancadas ainda foram testemunhas, juntamente com mais 10 ou 11 felizardos, do meu mais genial lance no futebol. Um momento tão sublime que, se um olheiro passasse naquele momento, certamente me tomaria pelo sucessor do Pelé.

A bola veio pra mim na intermediária, quicando. Antes que batesse novamente no chão, antecipei-me ao marcador e apliquei-lhe um chapéu. O segundo zagueiro, furioso

pela humilhação imposta ao colega de time, veio pra cima com tudo. Também ficou pra trás, vítima do mesmo drible. Ficamos só o goleiro e eu. E, como o maior dos artilheiros, fui implacável: coloquei a bola do canto direito. Indefensável. Lindo. Tal qual o rei do futebol na Copa da Suécia. Naquele dia, fui o comentário das aulas restantes. Acho que até as meninas olharam pra mim.

Porém, nem só de glórias viveu o espaço. Eu me lembro de quando o Buff, ainda conhecido por Luiz Guilherme, perdeu um gol sozinho, debaixo das traves vazias. Chutou tão forte e com tanta vontade que a bola passou por cima da cerca e caiu na rua do lado de fora da escola. Ficamos impedidos de retomar a disputa até um bom samaritano parar o carro e nos jogar de volta a pelota.

Palco de inesquecíveis peladas, a quadra abrigava nosso arraiá em uma noite fria de junho, com as quadrilhas organizadas pelas turmas, que tomavam de assalto o lugar. Também recebia a festa dos pais, quando os genitores atletas comemoravam seu dia em uma manhã esportiva de um sábado de agosto.

Por diversos motivos, passei grande parte de meu primeiro grau naquele lugar. E feliz.

Saí do Regão em 1988, ao terminar a 8^a série. Alguns anos depois, a quadra foi destruída. Virou um retorno de carros, estava em área pública invadida. Eu evito virar ali. Sei lá, tenho medo de atropelar as minhas lembranças de infância.

PERNAS TORTAS



- Querem ver o Mané Garrincha jogar? Perguntou meu avô.
- Queremos! Respondemos quase em uníssono meu pai, meu irmão e eu.

A proposta nos pegou de surpresa em meio a um almoço de Natal. Era uma chance imperdível de ver ao vivo o jogador sobre quem já havia escutado inúmeras histórias, trazidas pela memória infalível de meu pai e pelo lirismo de meu avô.

- Ele tem as pernas tortas, por isso mesmo ninguém conseguia pará-lo. Foi o grande craque da Copa de 62. Dizia um.
- E chama todos os seus marcadores de João. Era comum deixá-los tão perdidos que acabavam caindo no campo, desconcertados. Completava o outro.
- Uau Espantávamos meu irmão e eu, garotos que sonhávamos jogar na seleção.

A partida ocorreria em Planaltina, naquele 25 de dezembro de 1982. Era uma das exibições que Mané passou a fazer depois de pendurar as chuteiras, para descolar alguns trocados. Compramos os ingressos sem dificuldades, não estava cheio, e tratamos de escolher um bom lugar, do lado pelo qual ele atacava.

Já com quase 50 anos, Garrincha não tinha mais o mesmo fôlego e nem a mesma saúde de seus anos de ouro, mas ainda era capaz de levantar as arquibancadas. Como ocorreu no momento em que dominou a bola no lado direito do campo e parou diante de um João, exatamente em frente onde estávamos. Ficaram, Mané e João, um encarando o outro, estáticos, a pelota entre eles, naquela calmaria que antecede a tempestade. O público prendeu o fôlego.

- Olha lá, Pedro, as pernas dele são tortas de verdade! Sussurei.
- E o que ele vai fazer agora? Quis saber meu irmão.
- Não sei...

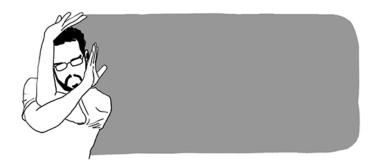
Provavelmente nós dois éramos os únicos ali a não conhecer o roteiro que se seguiria, repetido inúmeras vezes ao longo da carreira do gênio da bola.

Como se o tempo não tivesse passado, naquele momento o pequeno estádio Adonir Guimarães era o Maracanã e aquele João era Jordan, considerado o melhor marcador do gênio, Mané jogou o corpo pro lado. O João foi junto. Depois, balançou para o outro. O João bailou com ele. Em seguida, sacudiu novamente para a direita e, quando parecia que voltaria à posição inicial, deu um leve toque na redonda, levando-a consigo rumo à linha de fundo, de onde cruzou para um felizardo atacante. O João ficou para trás, sem saber o que havia acontecido.

Não me lembro se o lance resultou em gol ou não. E isso não tem nenhuma importância. A sorte do dianteiro sobre quem me refiro era que, naquele momento, ele estava recebendo o último cruzamento de Garrincha, que saiu do jogo em seguida e da vida menos de um mês depois, em 20 de janeiro de 1983. A pequena torcida, encantada, aplaudiu pela derradeira vez o maior mágico do futebol de todos os tempos.

Mais tarde, em uma justa homenagem, Mané Garrincha virou nome de estádio em Brasília. Depois desvirou, virou de novo e quase desvirou novamente, numa récita que parece a narração de seus dribles. Felizmente, depois de tantas reviravoltas, o episódio do nome terminou como as fintas do craque, deixando todos os joões para trás.

SERÁ?



Daqui, vejo uma massa humana correndo de um lado para o outro. Eles vão e voltam em bloco desorganizado, mantido unido apenas pelo movimento conjunto. Não há escolha. Acompanham a onda ou caem e são pisoteados.

Um pouco à frente, uns brigam contra aqueles com quem cantavam abraçados há poucos minutos. E destroem o que encontram pela frente. E quem encontram pela frente. O futuro da nação.

Assustada, acuada, a Legião Urbana abandonou o palco. A violência não começou depois da fuga, foi a sua causa. Aquele ali, com um pedaço de madeira na mão, já estava brigando do lado de fora, assim como tantos outros. Escapou, por sorte, da polícia montada que investia sobre a fila que se encaracolava nela mesma, em uma espiral infinita.

Vi o show da arquibancada, não do gramado, como havia previsto. Cheguei ao estádio sozinho e encontrei, por sorte, amigos da escola, acompanhados de um pai solidário e roqueiro. Eles preferiram ficar mais altos e seguros, o que foi uma boa escolha. Daqui, podemos sair sem passar pela confusão.

Pego um dos muitos ingressos abandonados no chão. O meu foi confiscado na entrada. Guardo, já sabendo se tratar de uma relíquia, apesar de compartilhar da decepção de todos os 50 mil presentes, fiéis burgueses sem religião a quem o messias deu as costas. As mesmas costas mais cedo atacadas por um exaltado que driblou a segurança e agarrou o cantor por trás.

Ao meu lado, estoura uma bomba. Sinto-me em perigo. É possível, ou melhor, é provável que os quatro músicos também se sentiram da mesma maneira quando uma

explodiu no palco, soando em uníssono com o rufar dos tambores de Conexão Amazônica.

Não tinha que ser assim. Há pouco mais de uma hora, um barbudo de bata branca se aproximou do microfone e começou a falar sobre querubins para uma plateia extasiada. Era uma piada sobre três anjinhos enviados a três países diferentes. Quando o último descobria seu destino, desesperava-se: "Pro Brasil, não! Pro Brasil, não!". O barbudo emendou, então, o refrão de Que País é Esse?, em comunhão com todos os presentes.

Porém, a noite não foi engraçada. Depois desse início catártico, tudo degenerou rapidamente. A procissão, que começou um mês antes, quando foi anunciado o maior show da história da cidade, está terminando em tragédia, com incontáveis feridos e o estádio destruído. Hoje, dia 18 de junho de 1988, os milhares de fanáticos espalhados pelo Mané Garrincha viraram soldados. Agora, eles querem lutar. E eu só quero ir pra casa e nunca mais escutar Legião Urbana.

Lá se vão mais de 25 anos do show. O primeiro de minha vida. O último do grupo em Brasília. E, claro, ainda hoje ouço suas músicas.

O punk Aborto Elétrico virara a roqueira Legião Urbana que se transformou em nova religião. Seus discos vendiam aos milhares e suas canções invadiam FMs e AMs. A banda entregava energia e revolta em suas músicas e isso levou milhares ao estádio. Quando as coisas começaram a dar errado, ficou impossível controlar os ânimos.

Assim como a tragédia de Altamont (festival ocorrido em 1969, com os Rolling Stones, cujos seguranças espancaram um espectador até a morte) marcou a transição dos sonhadores anos 60 para os pesados 70, o show do Mané Garrincha foi também um divisor de águas na história da cidade e na carreira do grupo, que passou a evitar longas turnês e abandonou o discurso político.

E Renato Russo, um professor de inglês fã de Rimbaud e Sex Pistols, desceu do pedestal de messias no qual fora colocado. Ele já não pretendia mais mudar o mundo. Desejava apenas cantar suas próprias aflições e angústias.

Aquele show mudou minha vida. E em 1988 eu era tão jovem...

ENTRE GARAGENS E PORÕES



Quando eu era pequeno, minha mãe perguntou o que eu queria ser quando crescesse. Respondi que queria ser o John Lennon. Mas aí o John Lennon morreu e eu não queria mais. Depois, encontrei um meio-termo entre o meu pueril desejo e a concreta dureza dos fatos e concluí que ainda gostaria de ser o John Lennon, porém, quando ele estava vivo.

Então, fiz como o John Lennon quando ele começou e fui tocar em banda de garagem.

A primeira se chamava Sendero Luminoso e a gente queria explodir a todo custo, algo que acabou ocorrendo no fim do ano, quando todos os integrantes levaram bomba na escola.

Tal intempérie obrigou o grupo a dar um tempo na revolução, voltar-se para o crescimento interior e mudar a alcunha para Nirvana, um nome tão bom e universal que, disseram, nos levaria aos píncaros da glória. Adoramos tanto que corremos para o dicionário para descobrir o significado de píncaros.

Estávamos confiantes na levitação rumo ao sucesso, até surgir um estraga-prazeres.

- Daniel, é melhor trocar esse nome, já existe um Nirvana fazendo muito sucesso lá fora.
- Que nada, nunca vão chegar aqui. Seremos Nirvana até o fim dos tempos!

O fim dos tempos chegou uma semana depois, quando o Nirvana americano invadiu a TV e o rádio com *Smells Like Teen Spirit* e causou o apocalipse em nossa banda.

Depois do juízo final, juntei-me a outros roqueiros sobreviventes e montamos o Kashmir, influenciado no nome e no som pelo Led Zeppelin. Como nossos ídolos ingleses, o grupo acabou quando o baterista se foi. E essa é a única semelhança de nossas carreiras. Alguns anos mais tarde, formei Os Miseráveis, nome em perfeita conformidade com a qualidade musical do conjunto, que, por isso mesmo, durou só dois ensaios e meio.

Com o fim de Os Miseráveis, decidi nunca mais levar uma banda a sério, até pintar um convite para tocar no Phonopop. Então, decidi nunca mais levar uma decisão minha a sério. Com o Phonopop, gravei disco, mudei para o Rio e até toquei na Inglaterra, país do John Lennon. Ali, percebi que havia chegado o mais próximo possível do meu herói de infância e decidi pendurar os instrumentos.

Contudo, antes de minha aposentadoria como músico semiprofissional, toquei na edição 2006 do Porão do Rock, do qual já havia participado três anos antes. O Porão do Rock é um dos mais tradicionais e importantes festivais independentes do Brasil: coloca bandas iniciantes ao lado de outras consagradas e realiza dezenas de seletivas nas cidades do DF, dando palco e plateia a grupos que talvez nunca se apresentassem para um grande público se não tivessem tal oportunidade.

Talvez da edição deste ano saia o novo John Lennon. Ou o novo Renato Russo. Ou talvez não. Mas não importa. Ao menos na vida de uma banda independente, trocar a garagem pelo Porão é uma grande ascensão na carreira. E também pode ser a melhor maneira de encerrar uma, como ocorreu comigo. A não ser, é claro, que me convidem para um novo grupo que vai tomar o mundo de assalto.

KAFKA CANDANGO



- Bom dia, senhor, eu preciso carimbar um documento, por favor.
- Para carimbar documentos, você tai ter de passar no Departamento das Demandas Dementes e conversar com o subsecretário de autorizações urgentes. Ele vai consultar o secretário, que vai falar com o diretor e pedir a anuência do gerente da área. Acontece que ele certamente não tem poderes para deferir seu pedido e vai solicitar gentilmente o breve encaminhamento de seu documento à Secretaria de Serviços Simples e Sossegados.
- É rápido?
- Claro que não.
- E não tem outra maneira?
- Até tem. Você pode passar na Comissão das Causas Confusas e solicitar uma audiência com o relator de cartas circulares. Ele não tem acesso ao carimbo, mas vai te apresentar ao Cardoso da contabilidade, que uma vez fez um favor à Danuza da informática, que já namorou o Fonseca do almoxarifado, que emprestou uma grana ao Penedo da administração, que dá sempre carona para a dona Solange.
- Então é a dona Solange que vai me ajudar!
- Não. A dona Solange faz o melhor café com pão de queijo da cidade. Você dá uma passadinha no local de trabalho dela para recobrar as forças antes de continuar o périplo, que passa pelo Tadeu da gerência e depois...
- Ai, ai. Eu só preciso carimbar esse papel. Não é possível que haja tanta burocracia.

— Bom, já que você tem pressa, existe um caminho alternativo: passar na Administração dos Assuntos Adiáveis. O gestor vai avaliar a pressa do seu pedido utilizando o algoritmo de Behr.
— Algoritmo de Behr?
— Uma fórmula desenvolvida pela Nata dos Notáveis, que se reúne dez horas por dia, cinco dias por semana.
— Por que eles são notáveis?
— Porque se reúnem dez horas por dia, cinco dias por semana e não chegam à conclusão alguma. Não é um fato admirável? Assim que estão para terminar um assunto, a semana acaba e eles precisam repassar o tema na segunda-feira seguinte, do começo, para que não haja dúvidas sobre as decisões a serem tomadas. Em quinze anos de existência, o grupo não resolveu nada.
— Você diz que a Nata dos Notáveis não decide nada, mas não foi ela que criou o algoritmo de Behr?
— A fórmula está incompleta, mas prometeram terminá-la na semana que vem.
— Então já vi, meu caso não tem jeito, vou ter de desistir de carimbar minha certidão.
— Peraí, por que você não falou logo que era uma certidão? Nesse caso, é comigo mesmo.
— Mas que sorte! Você pode então carimbá-la, por favor?
— Desculpa, mas não vai dar.
— Não?
— Infelizmente, não. Você terá de voltar depois. O carimbo de certidões está desatualizado. Mas não se preocupe, deve chegar um novo na semana que vem. Ou no mês que vem. Ou no ano

AS ÁGUAS VÃO ROLAR



A Louise entrou na sala como uma tempestade.

— Pai, pai, tenho uma ideia muito boa. Vamos encher meu quarto de neve! Vamos, pai?

Engasguei com o copo d'água.

- Neve? Não tem neve no Brasil!
- Ué. A gente viaja para um lugar frio, bota a neve em um potinho e traz para nossa casa.
- Não dá, Louise, vai derreter.
- Ah, pai, você não sabe de nada. A gente pega muita, muita neve. O que derreter joga fora. O resto, coloca no meu quarto. Vai ficar lindo.

Já ia começar uma explicação chata sobre estados da água, transferência de calor e outras bobagens de gente grande quando me lembrei dos meus quatro anos e da minha inconformidade com o fato de não haver praia em Brasília. Na época, propus aos adultos uma solução muito simples.

- É só a gente fazer um caminho do mar do Rio de Janeiro até aqui.
- Mas como, Daniel?
- Ué, cavando, com um trator daqueles bem grandes. Aí a água passa por ali e chega até Brasília.

Estava tudo muito claro na minha cabeça: não existia praia na cidade porque ninguém

havia pensado em uma maneira de fazer. Agora, com o projeto idealizado, bastava chamar o moço do trator para ele começar a cavar. Eu era um garoto razoável e refleti que, como já estava de noite, convinha esperar pela manhã seguinte. Assim, o moço do trator poderia dormir bem e iniciar o trabalho logo cedo, para dar tempo de terminar antes do anoitecer.

Pacientemente, disseram-me que não era possível; nem dez moços do trator poderiam me ajudar. O mar não chegaria aqui e jamais teríamos praia com água salgada, biscoito Globo e teco-tecos puxando faixas de publicidade no Planalto Central. Escutei atentamente a explanação sobre a impossibilidade de realização de meu projeto, mas fiquei pensando que a verdade residia no fato de os grandes não saberem como executá-lo.

Estava mergulhado em minhas lembranças quando a Louise me chamou novamente.

- Pai, você pode me ajudar com a neve? Fiz uma contraproposta.
- Só se, depois, você pensar comigo em uma maneira de trazermos a praia para Brasília.
- Eba! Penso, sim!

Abri o congelador, raspei a mão no gelo das paredes até encher um copo e levei-o para o quarto da minha filha. Ainda não era a nevasca desejada, mas tínhamos o suficiente para espalhar pelo chão e fazer suas bonecas esquiar. No canto e de biquíni, uma delas já aguardava a iminente chegada do mar à Brasília.

NOITES DE PRATA



Não, sério, corra. Pare tudo e vá ver a lua. É a maior dos últimos tempos e falam que a próxima assim só daqui a 73 anos. Eu sei, teve outra parecida há quatro meses e disseram que igual, só meus bisnetos veriam, mas essa é diferente, juram. É a lua azul. É verdade que ela não está azul, porque a lua nunca é azul realmente. Ela é no máximo amarela quando nasce e logo fica branquinha. Passa muito longe do azul. Blue moon, em inglês. Se não chega nunca a esse tom, pelo menos serviu de inspiração para grandes músicas, o que não é pouco. *Under blue moon I saw you*. Mas essa não é a lua azul? É só cheia mesmo? A próxima azul é daqui a quanto tempo? Não tem problema, está linda, vá lá ver. Ora (direis) ouvir estrelas, declamava um Bilac apaixonado, olhando pela janela. Eu sei, não estamos falando de estrelas, e sim da lua, mas elas compartilham do mesmo céu. E, se você é capaz de ouvir aquelas, que estão longe, certamente captará o que esta diz, pois é nossa vizinha. Aproveite esse brilho todo, tome um banho do astro ao som dos Mutantes e me diga uma coisa: você vê o quê, São Jorge ou o dragão? Tenho um amigo que vê um rosto de mulher. Sabe o que eu vejo? Um coelho. Sério, olhe bem, aproveite que ela está bela e cheia. Repare ali: as orelhas, o corpo, um coelho. Não estou mentindo. Mente quem diz que a lua é velha. Você acredita que o homem já pisou lá? E por que não voltou mais? Talvez porque a solidão ali seja insuportável. Deve ser o lugar mais solitário do universo, não temos a lua para contemplar e para nos confessar. Mas, vá, confesse, já viu uma desse tamanho? Está linda. Foi uma assim que a Nereide, a menina mais bonita da escola, pediu de presente para o Fonchito, na história do Vargas Llosa. Lua, lua, lua, lua, por um momento meu canto contigo compactua. A gente observa desde sempre e nunca se cansa. O que haverá lá do lado de lá dela? Enquanto imagino, coloco Pink Floyd para girar a 33 rotações por minuto. Paro em frente à janela e olho para o céu. É incrível como ela está especialmente bela hoje. Sei de um poeta que tomaria um conhaque e ficaria comovido como o diabo.

www.danielcariello.com.br

